

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 23 | n° 385 | vol. 23 | 2025



**Fascismo tardocapitalista:
retrotopia e aceleracionismo**

Sandro Chignola

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 23 | nº 385 | vol. 23 | 2025

Fascismo tardocapitalista: retrotopia e aceleracionismo

Sandro Chignola

Doutor em História do Pensamento Político e das Instituições pela
Universidade de Turim e professor titular de Filosofia Política no
Departamento de Filosofia, Sociologia, Pedagogia e Psicologia
Aplicada (FISPPA) da Universidade de Pádua

Tradução: Augusto Jobim do Amaral



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIII – Nº 385 – V. 23 – 2025

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Pixabay

Revisão: Isaque Gomes Correa

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Tradução: Augusto Jobim do Amaral

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Fascismo tardocapitalista: retrotopia e aceleracionismo

Sandro Chignola

Doutor em História do Pensamento Político e das Instituições pela Universidade de Turim e professor titular de Filosofia Política no Departamento de Filosofia, Sociologia, Pedagogia e Psicologia Aplicada (FISPPA) da Universidade de Pádua

Em primeiro lugar, agradeço o convite. Não é certamente a primeira vez que me encontro aqui na UNISINOS para debater convosco. Desta vez, pediram-me para falar sobre um tema que não é, a não ser indiretamente, objeto da minha pesquisa e o qual, por isso, abordo com alguma cautela. Cautela reforçada pelo fato de que tentarei falar em espanhol.

É difícil tentar focar um objeto em rápida transformação. Tanto mais quando a sua representação não pode ser determinada a partir do exterior, por assim dizer, de uma perspectiva de sobrevoo, como talvez diria Merleau-Ponty, mas que também diz respeito a nós

mesmos, ao fascista que há em nós, como dizia Foucault (1977): é impossível abstrair, por mais que tente fazê-lo continuamente, minha posição de homem, branco, cisgênero, europeu ou o conjunto de afetos que nos vincula contraditoriamente ao fascismo, sobretudo quando, como para mim é indispensável, nos opormos a ele.

Usei explicitamente o termo fascismo para denotar os novos autoritarismos. Não sou certamente o primeiro a fazê-lo. O termo voltou com força ao debate internacional, após uma fase de relativa obsolescência, na fase de resposta autoritária à crise de acumulação de 2008, para depois acelerar sua circulação nos últimos dez anos, no quadro do ciclo político reacionário marcado pela primeira eleição de Trump nos EUA, de Bolsonaro no Brasil, de Milei na Argentina e pelo crescimento exponencial das forças políticas de extrema-direita na Europa, que, em alguns países, tornaram-se democraticamente forças governamentais ou estão prestes a se tornar. Antes de abordar tal questão – uma das características distintivas do novo fascismo é a sua afirmação *a partir do interior* dos mecanismos formais da democracia e não, pelo menos em primeira instância ou explicitamente, contra eles –, é necessário fazer outra premissa.

Refiro-me ao termo fascismo. Há dois pontos que me parecem necessários esclarecer. O primeiro diz respeito à correção de uma implicação frequentemente assumida de forma acrítica, quando não utilizada pelos próprios fascistas para se esquivar das críticas, dado que essas experiências podem ser consideradas historicamente superadas, ou seja, a identificação monolítica do fascismo com os regimes totalitários europeus

dos anos 1920 e 1930: o fascismo italiano e o nazismo. Como lembra Geoff Eley, é preciso “pluralizar” a imagem do fascismo; é preciso multiplicar e diferenciar suas formas, remontando à multiplicidade de pontos de entrada que marcam sua estrutura histórica. Fascismos “indígenas” se desenvolvem autonomamente na África, na Ásia e nos teatros coloniais, antes e depois das experiências italiana e alemã (Thomas; Eley, 2020). Assim como elementos indubitavelmente fascistas e denunciados como tal por aqueles que sofrem sua agressividade atravessam a história dos países que venceram a guerra contra o fascismo: vale o exemplo das críticas provenientes do radicalismo negro desde os anos 1930 ao sistema político americano – de Du Bois a Padmore – ou aquelas, voltadas a desconstruir a singularidade do fenômeno fascista como “mal absoluto”, provenientes da crítica descolonial. Basta, neste caso, a referência a Césaire ou a Fanon. Estendido ao longo do tempo e descentrado da experiência histórica europeia, e portanto não referido em termos exclusivos ao modelo teórico e aos dispositivos institucionais historicamente realizados por Mussolini e Hitler, o termo fascismo pode ser utilizado para explorar não tanto um cânone completo de doutrinas e práticas, mas sim uma *matriz* capaz de transformar e recombina seus próprios elementos. Deste ponto de vista, a primeira operação a realizar é, portanto, uma operação de *contextualização* do fascismo, para deslocá-lo das figuras a que geralmente é associado e para atenuar, nestas, o efeito de sombra que sua projeção determina em relação ao espectro mais amplo de sua fenomenologia histórica, e acompanhar essa primeira operação com uma outra subsequente de *descontextualização* que permita fazer do fascismo – que, do ponto de vista teórico, e em

particular em suas variantes neofascistas, não demonstra nem coerência nem sistematicidade – um conceito “portátil” (como o define Julia Adeney Thomas) – permitindo reutilizá-lo para os fins que aqui nos interessam (Eley, 2021).

A segunda operação a realizar, estritamente dependente da primeira, é evitar fazer do fascismo um *arquétipo* e considerá-lo antes um *protótipo*: não uma figura fixa, completamente estilizada em torno de sua própria experiência histórica, mas uma prática e, portanto, uma possibilidade, capaz de se transformar e se reinvestir em formas novas e, justamente por serem novas, muito perigosas. Harootounian (2022) vai, nesse sentido, definir o fascismo contemporâneo e seu feroz ressurgimento global após a crise pandêmica como uma espécie de “vírus mutante”. É óbvio que, nesta perspectiva e a partir das opções metodológicas que apresento, as coisas que tentarei dizer não se movem no terreno da história das ideias (Jesi (2011) definia a cultura de direita como um conjunto de “ideias sem palavras” que, quando se referem a ela, recorrem a uma história reduzida a um “mingau homogêneo”: a Tradição, o Ocidente e sua defesa e a ordem hierárquica natural), mas sim sobre a novidade que o novo autoritarismo fascista representa no ciclo político que estamos atravessando: uma operação de esvaziamento da democracia e de engenharia institucional das funções executivas, que se move *de dentro* da democracia e não *contra* ela (Harootunian, 2022; Traverso, 2025), reorganizando-se, desde a década de 1990 e, em escala global, como “legalismo autocrático” (Scheppele, 2018) ou como “novo autoritarismo competitivo” (Levitsky; Way, 2020). O que se pretende expressar com estes termos é o processo de “desvio” progressivo da demo-

cracia dos seus padrões definidores: o uso dos poderes constitucionais e da investidura eleitoral para destruir ou enfraquecer os contrapoderes e as instituições de equilíbrio da democracia constitucional; a valorização da competição eleitoral para a formação de executivos autocráticos (Tocqueville reconhecia-os como efeito de autênticas “tirantias da maioria”); o esforço da dissociação entre democracia representativa e constitucionalismo liberal por meio da prioridade atribuída ao processo de autorização do poder em relação ao problema de sua limitação. Trata-se, a meu ver, de características comuns a boa parte das *democracias* contemporâneas e uma das marcas distintivas de um autoritarismo que é mobilizado, no sulco das instituições democráticas representativas, para agir contra os tribunais constitucionais, contra a autonomia dos poderes judiciais e contra as funções tradicionalmente desempenhadas pela crítica (desde o confronto parlamentar à imprensa livre, às universidades), esvaziando por dentro a ligação, historicamente tornada uma das linhas fundamentais da história constitucional do Estado de direito, entre democracia representativa e constitucionalismo liberal.

Não tenho, nesta ocasião, tempo para insistir nas modalidades pelas quais essa reestruturação da democracia formal em chave executiva-autoritária se insere e prolonga tendências presentes no neoliberalismo desde suas fases ordoliberais. De um “*neuer Liberalismus*” – ou seja, um liberalismo capaz de governar *para* o mercado, abandonando os princípios abstêmios do liberalismo clássico, segundo os quais quanto menos se governa, melhor se governa; um liberalismo que governa para desarticular *ativamente*, destituindo de fato o compromisso keynesiano-fordista entre capital e trabalho, tudo o que obstrui os dois princípios-chave da

economia capitalista de mercado: o desenvolvimento da livre concorrência e a livre formação dos preços – é de fato Rustow quem fala em um discurso programático de 1932. A um “Estado forte” corresponde uma economia saudável, escreve o jurista nazista Carl Schmitt (Schmitt, 1995) naqueles mesmos anos; uma economia livre requer um Estado forte, escreve Alexander Rustow (Rustow, 1932). E, em ambos os casos, trata-se de um Estado capaz de “libertar” a economia do conflito de classes, dos interesses organizados, das distorções que causam atrito no fluxo das leis rígidas do mercado, agindo em termos principalmente *executivos* e descentralizando-se o máximo possível das restrições do confronto parlamentar. Essa tendência poderia ser seguida até os anos 1970 na contrarrevolução neoliberal operada por Thatcher no Reino Unido e por Reagan nos EUA que Stuart Hall qualificaria como os anos do crescimento exponencial dos “fascistas sem fascismo” (Hall, 1979), mas não me parece que seja o caso aqui (Chignola, 2025a).

Prefiro, nesta ocasião, abordar pelo menos três questões que me parecem importantes para ter acesso às formas contemporâneas de autoritarismo: a primeira é a relação constitutiva que é possível ler entre o fascismo e a crise econômica. Se há um dado de continuidade que é possível encontrar entre as fórmulas autoritárias dos anos 1930, dos anos 1970 e que proliferam há mais de uma década em escala global, ele diz respeito à relação estrutural que se evidencia entre a crise de acumulação capitalista e a resposta antidemocrática. A segunda diz respeito aos aspectos retroutópicos do fascismo contemporâneo. O slogan “*Make America Great Again*”, replicado por todos os soberanismos contemporâneos e que deveria ser mais propriamente lido como “*Make*

America White Again” (Stefanoni, 2021), implica uma fantasia retrospectiva impossível e uma ansiedade de reafirmação que mobilizam tendências autoritárias imanentes ao processo social neoliberal e às formas de individuação por ele determinadas. A terceira questão sobre à qual pretendo me deter, finalmente, diz respeito aos aspectos que qualificam, em dependência das duas primeiras questões sobre as quais pretendo chamar sua atenção, o que Diego Stulzwark recentemente chamou de captura fascista dos afetos, a composição espectral e precária de sujeitos colapsados que nada mais esperam da história, numa espécie de “revolta sem revolta” (Stulzwark, 2025) e que retroalimentam, num circuito aparentemente fechado, a emergência de líderes carismáticos sobre os quais projetam as suas frustrações e a sua raiva (Nunes, 2024; Rodrick, 2016).

Começo, portanto, com a relação entre autoritarismo e crise. O fascismo, nem vale a pena lembrar, surgiu historicamente, em suas formas históricas mais conhecidas, da crise que se seguiu à Primeira Guerra Mundial e da crise econômica de 1929, e como resposta à onda de mobilização provocada pela revolução bolchevique. Desde então, o que Roberto Esposito recentemente chamou de sua “máquina geradora” (Esposito, 2025) começou a trabalhar para metabolizar, de forma ferozmente conservadora e totalitária, as tendências anárquicas do individualismo de massa, expressão da lógica mercantilista que esvazia definitivamente o campo social de proteções e estruturas coletivas e efeito da desmobilização dos exércitos, recuperando-as com uma oferta de homogeneidade e proteção autoritária. O ciclo político reacionário das últimas décadas é determinado em resposta à crise financeira de 2007-2008 e à série de mobilizações que atacaram a

ordem política neoliberal, propondo – do *Podemos* ao *Syriza*, das primaveras árabes ao *Occupy Wall Street* – agendas populistas de “esquerda”. Observou-se que a direita capitalizou rapidamente o alinhamento das democracias liberais com as políticas de austeridade que transferiram para as classes mais fracas o resgate dos interesses financeiros. O populismo expressou uma espécie de resposta polanyana tardia às forças destrutivas dos mercados e veiculou de forma ambivalente uma necessidade de proteção e apoio (Bugarcic, 2019). O fascismo tardocapitalista reage à crise de integração econômico-política tornando a crise de certa forma permanente, acelerando os processos de acumulação financeira que ela torna possíveis e expandindo os poderes executivos, porque é capaz de virar a seu favor o rancor generalizado das classes populares e capitalizar os impulsos microempresariais do que Veronica Gago chamou de “neoliberalismo de baixo” (Gago, 2014). Desintegrada em sua composição social e privada daquilo que Maurice Halbwachs chamava de “quadros sociais da memória” (Halbwachs, 1925), a classe trabalhadora, assim como as classes populares em geral, abandonadas pelos governos de esquerda que se comprometeram a cumprir as determinações dos bancos centrais e do Fundo Monetário Internacional, foi capturada por uma operação autoritária que se mostrou capaz de sintetizar o neoliberalismo de cima e o neoliberalismo de baixo e de transferir a responsabilidade pela crise para “inimigos” (as elites, os imigrantes, as mulheres) identificados como bodes expiatórios (Traverso, 2017). Longe de representar uma resposta ao neoliberalismo, o fascismo tardocapitalista, como o chama Mikkel Bolt Rasmussen (Bolt Rasmussen, 2018), define as condições para uma estabilização autoritária

da crise e define um projeto de consolidação iliberal de suas estratégias de acumulação através do uso dos poderes do Estado e de suas alavancas jurídicas. Por um lado, o *mito neoliberal de uma liberdade* devolvida a qualquer pessoa como agente no mercado – até mesmo o fascismo italiano, pode-se lembrar, era inicialmente anti-estatal e o ordoliberalismo se movia em continuidade com essa premissa –, por outro lado, *políticas do medo*, que sustentam e alimentam uma ecologia da reação capaz de projetar sobre o inimigo a responsabilidade pelo eventual fracasso individual e de reinvestir o Estado em tarefas de controle e vigilância nos limites da constituição. No meio, o *uso político e instrumental do direito* atuando autoritariamente, como pura disposição executiva, para implementar um e o outro lado. Deste ponto de vista, o novo fascismo se expande como uma reprodução reflexiva e generalizada da base autoritária da operação neoliberal (Toscano, 2023) e se sustenta, normalizando-a (racismo, antifeminismo, teorias do inimigo interno: o problema, mais do que a legitimidade política que o fascismo está rapidamente ganhando, é a aceitação geral de sua ordem discursiva), sobre a violência imanente a ela (Giroux, 2016). A normalização da crise, no entanto, implica constitutivamente a suspensão de alguns dos princípios da ordem neoliberal global: o retorno do fascismo e do soberanismo à cena global acarreta vastas tensões globais sobre a potencial desdolarização do comércio, aciona políticas protecionistas, permite concentrações clamorosas de capital, que entram em cena como autênticos sujeitos políticos, suspendendo a tradicional divisão entre poderes públicos e privados. Nesse sentido, a relação entre o novo autoritarismo e a crise prenuncia o advento de cenários inéditos em relação às últimas décadas. O

retorno em grande escala da guerra marca a entrada em uma era decididamente problemática para as relações internacionais e difícil de classificar nos esquemas com os quais a ordem neoliberal foi interpretada até agora (Chignola; Mezzadra, 2025).

A segunda questão que gostaria de abordar é a da “retrotopia” (Bauman, 2017). O retorno em grande escala do fascismo se instala em um regime particular de historicidade (Hartog, 2003). Ele é marcado pelo fechamento daquilo que Koselleck chamou de “horizontes de expectativa” sobre os quais se baseou a ideia moderna de progresso (Koselleck, 2010). A normalização da crise produzida pela sua estabilização autoritária, que acompanha os interesses do capitalismo fóssil e a persistência e aceleração da catástrofe ambiental, corrói profundamente a disponibilidade do futuro como espaço de projeto aberto à iniciativa política. O futuro já não é percebido como um projeto coletivo de melhoria, mas reinterpretado em termos individualistas e reduzido ao que é imediatamente melhor para o indivíduo, é vivido como uma ameaça ou um pesadelo. Isso implica uma drástica reversão do olhar, cujas características fundamentais são a privatização da esperança (Aronson, 2016), uma mistura de aquiescência e frustração raivosa (Fraser, 2015), um uso seletivo da memória, que idealiza o passado – apenas um dos passados possíveis, deve-se ressaltar – e que remove os conflitos e tensões subjacentes que o atravessa. O fascismo, como Ernst Bloch havia ressaltado em seu tempo, sempre foi capaz de valorizar as “contemporaneidades do não contemporâneo” que tornam o presente assíncrono consigo mesmo (Bloch, 1985). Deste ponto de vista, o neoliberalismo autoritário é capaz de alinhar as acelerações que o percorrem (inovação tecno-

lógica, digitalização financeira, imediatismo e volatilidade das trocas) às experiências residuais da história (a nação, a classe trabalhadora branca, os direitos sociais) vividas com nostalgia pelas camadas mais baixas da população e referidas a outras coordenadas econômico-políticas. Nesse sentido, o fascismo tardocapitalista expressa a *síntese disjuntiva do arcaísmo e do futuro* sobre a qual se alimentam os fantasmas da regeneração e da palingenesia, a ideia do presente como decadência e degradação, a mitologização, em particular na retórica MAGA, mas não só, da classe operária branca, do mal “*breadwinner*” e da família patriarcal, evocadas em termos iterativos (“*again*”) para exorcizar a ansiedade induzida pelo futuro (Toscano, 2023). O que é repetido nostalgicamente e, justamente por ser repetido, o que retorna de forma *spectral* é o modelo “nacional” do pacto social fordista, depurado dos antagonismos sociais que o impuseram e que o atravessaram, potencializado pelo suplemento que estigmatiza os sujeitos irreduzíveis ao seu cânone ideológico (as mulheres, os subalternos improdutivos, os migrantes). A angústia de impotência dos indivíduos, desvinculados da relação e das proteções sociais, sozinhos diante de um mundo incompreensível e abandonados a si mesmos no que diz respeito ao futuro, em equilíbrio precário entre um passado que não existe mais e um horizonte de espera que se reduz ao dia seguinte, transforma-se em frustração e raiva que empreendedores políticos sem escrúpulos podem imediatamente valorizar, espalhando teorias da conspiração, dando luz verde ao racismo, apontando seus antagonistas como inimigos do povo. O novo fascismo, evidenciando mais uma vez sua matriz, flui sobre o ressentimento e o cinismo, assim como sobre as paixões fundamentais da máqui-

na neoliberal de identificação. É possível, exatamente nesse sentido, falar de uma ideia especificamente neofascista de liberdade. Ela, ao contrário das formas historicamente determinadas do fascismo, reivindica a libertação das amarras e das responsabilidades coletivas, alinhando-se com a tendência da operação política de desmantelamento neoliberal do social e radicalizando seus aspectos tendenciais: “liberdade de expressão”, nestes termos, significa remodelar os limites do discurso público, acreditando em qualquer proposta, mesmo as inadmissíveis – da homofobia ao racismo puro –, como opinião legítima; significa reinterpretar radicalmente o conceito de democracia; significa dar livre curso à máquina de guerra turbocapitalista, aos interesses privados, mesmo quando estes contrastam com a defesa do meio ambiente e dos bens comuns, à privatização do bem-estar social e dos serviços, a novas formas oligárquicas de acumulação de capital material e simbólico. O poder do Estado, gerido de forma puramente executiva e decretal, é reivindicado e gerido pelas direitas democrático-autoritárias, para acelerar a consecução dos objetivos neoliberais e para mascarar, com a retórica securitária agitada contra a composição multitudinária e mestiça do trabalho vivo e com a reivindicação do retorno do Estado, a natureza *híbrida* do novo autoritarismo.

Um último ponto que prometi abordar. E ele está intimamente ligado ao que acabei de apresentar à sua atenção. O fascismo tardocapitalista, fortemente tecnocrático e favorável às grandes concentrações de capital, é capaz de compor e expressar ao mesmo tempo uma atitude hipermoderna e uma atitude arcaizante. Essa organização discursiva contraditória, mas de certa forma poderosa, torna possível impulsionar o processo de

desdemocratização, imaginando um futuro em que a forma política democrática possa ser definitivamente superada e ressignificando o conceito de igualdade em termos meritocráticos, com o efeito imediato de naturalizar as hierarquias e as diferenças reais que, por meio dele, são ocultadas. O fascismo tardocapitalista explora a crise para acelerar a desintegração social e a desintermediação política perseguidas como objetivo pela contrarrevolução neoliberal, radicaliza seus efeitos, oferece o quadro autoritário que o neoliberalismo historicamente explorou em alguns casos – do Chile de Pinochet à África do Sul do *Apartheid*, citando apenas alguns (Slobodian, 2018) – para tornar institucionalmente operacionais suas lógicas. Mas, ao mesmo tempo, ele coloca em ação o código “natural” tranquilizador que permite atrair as paixões dos derrotados e dos insatisfeitos em uma revolta sem revolta, alimentada retrospectivamente pela fantasia de que cada um estava em seu lugar, o mundo como era estava em ordem, sempre havendo um inimigo a ser apontado como culpado por suas desgraças. É dentro desse circuito que a frustração e o rancor individuais encontram líderes carismáticos – e pouco importa que eles muitas vezes façam parte das grandes oligarquias financeiras – capazes de captar o ressentimento e transformá-lo em capital político a ser valorizado. Fundamental para o início do ciclo reacionário e para o crédito das pulsões antissistêmicas e antidemocráticas foi, sem dúvida, a escolha dos governos “progressistas” de aceitar as políticas de austeridade impostas pelos grandes organismos internacionais e ter demonstrado o frio realismo que contribuiu para fechar os horizontes de expectativa e desconsiderar as perspectivas de mudança, política e econômica, de milhões de cidadãos. A desilusão

que se seguiu, juntamente com a evidente deterioração das condições de vida que se agravou com a crise pandêmica, fez com que fossem as direitas a capitalizar, normalizando o descontentamento e a crise. A “máquina geradora” do fascismo tardocapitalista funciona retroalimentando seu próprio processo, promovendo e captando o rancor, parasitando o sistema democrático no qual compete e acelerando a velocidade de transformação das instituições em um sentido simultaneamente autoritário e turboliberal. Ela é capaz de compor as pulsões antissistêmicas difundidas socialmente com a certeza desencantada de que o sistema capitalista não pode ser transformado e que a conexão, historicamente estabelecida, entre igualdade, liberdade e democracia deve ser dissolvida porque é fundamentalmente indimplente em relação às suas promessas, disfuncional e ilusória (Nunes, 2024; Stulzwark, 2025). O motor que alimenta a máquina é o sistema de afetos da “reatosfera” digital, que oferece uma ilusão de participação individual através das telas digitais. O fascismo tardocapitalista surgiu como o catalisador dos fluxos afetivos nos quais a socialidade material se desintegrou e se desestruturou e como a forma dominante de captura da política dos *dislikes*. Não por acaso, foi possível dizer que Trump, que em seu discurso de posse por ocasião de sua primeira presidência já expunha todos os temas da agenda política explosiva perseguida obstinadamente (e insanamente) nestes meses, encarnava o líder carismático da era dos *reality shows* (Bolt, 2018). O fascismo tardocapitalista atua como um dispositivo de captura dos afetos liberados pela destruturação das relações e proteções sociais ativamente perseguidas pelo neoliberalismo para fins de uma forma específica de individuação e produção governada da subjetividade.

de (Foucault, 2004). Ele impulsiona cada vez mais a desilusão em relação à democracia representativa: democracia representativa cujo núcleo teórico fundamental sempre foi o dispositivo de autorização pelo qual se legitima alguém a agir, ou seja, a fazer a lei e a governar, em nome de todos, a partir da adoção do princípio majoritário como vinculativo. O fascismo tardocapitalista valoriza esse princípio, acentuando seus efeitos de fortalecimento tecnocrático dos poderes executivos e valorizando seus efeitos gerais de despolitização. Ele é “democrático” não apenas porque participa da competição eleitoral, mas porque é capaz de reivindicar até o fim a investidura que a democracia lhe concede e porque considera “político” apenas o que pode ser filtrado pelos mecanismos representativos que utiliza para legitimar seu próprio poder. E é provavelmente isso que caracteriza sua novidade.

Isso nos leva a uma observação conclusiva. Não é possível salvar a democracia, se por ela se entende simplesmente o esquema político-formal que organizou o Estado moderno: eleições livres e representação parlamentar não excluem de forma alguma a possível ascensão de maiorias fascistas ou poderes autoritários. E os governos progressistas das últimas décadas, aliás, praticamente nunca demonstraram questionar os paradigmas econômico-políticos neoliberais que alimentaram a difusão e o progresso da desilusão e do rancor que estão na base da crescente desconfiança geral nos mecanismos da democracia representativa.

Trata-se de reinventar a democracia a partir da *promessa* de liberdade e igualdade que foi seu princípio e motor constituinte (Balibar, 2010). Trata-se de tornar efetivos os mecanismos de *contrapoder* capazes

de confrontar aqueles que governam com a subjetividade das necessidades e dos desejos dos governados, na medida em que estão posicionados dentro do fato de governar e, portanto, participam materialmente dele. Trata-se, com isso, de *reinventar a participação política*. A matriz do governo é dual: coloca irredutivelmente frente a frente – e sem que possam trocar de lugar – quem governa e quem é governado. O governado não desaparece em relação à ação do governo, como acontece com quem, representado, tem sua voz apenas em quem o representa. Mulheres, migrantes, precários e pobres que ninguém representa e que os novos fascistas tratam como insignificantes ou como meros bodes expiatórios sobre os quais direcionar o ódio são, no entanto, governados e podem subjetivar constitutivamente – e, vale a pena lembrar, fazem-no continuamente – a posição que lhes pertence enquanto, precisamente, governados (Chignola, 2025b). E podem fazê-lo na medida em que demonstram, com a força de sua voz, a inesgotabilidade da demanda por liberdade, igualdade e justiça que anima e percorre os processos de subjetivação que dilatam a elipse do fato de governar. A democracia só pode ser salva se se tornar *radical*, ou seja, materialmente enraizada na composição de classe contemporânea: uma composição que só pode ser feminina, mestiça, precária, pacifista e global. Somente se ela se tornar o nome, portanto, para o que ainda, e sempre novamente, não existe.

REFERÊNCIAS

- ARONSON R., 2016: The Privatization of Hope, *Boston Review*, <https://www.bostonreview.net/articles/ronald-aronson-privatization-hope/>
- BALIBAR E., 2010: *La proposition de l'égaliberté. Essais politiques 1989-2009*, Paris, PUF.
- BAUMAN Z., 2017: *Retrotopia*, Cambridge, Polity Press.
- BLOCH E., 1985: *Erbschaft dieser Zeit* (1935). Edição ampliada, Frankfurt a. M, Suhrkamp.
- BOLT RASMUSSEN M., 2018: *Trump's Counter-Revolution*, Winchester, Reino Unido, Washington, EUA, ZerO Books.
- BUGARIC B., 2019: As duas faces do populismo: entre o populismo autoritário e o populismo democrático, *German Law Journal*, 20, p. 390-400.
- CHIGNOLA S., 2025a: Neoliberalismo autoritário. Seminário *Euronomade*, Pádua, 9 de maio. Disponível em: <https://www.euronomade.info/neoliberalismo-autoritario-seminario-euronomade-padova-9-maggio-2025/>
- CHIGNOLA S., 2025b: *Foucault e a política do governados*, São Paulo, sobinfluncia.
- CHIGNOLA S.; MEZZADRA S., 2025: *Neoliberalismo: "o que há, pois, num nome?"*, 4 de junho de 2025: <https://diplomatique.org.br/neoliberalismo-o-que-e-que-ha- pois-num-nome/>
- ELEY G., 2021: What is Fascism and Where does it Come from?, *History Workshop Journal*, 91, p. 1-28.
- ESPOSITO R., 2025: *Il fascismo e noi. Un'interpretazione filosofica*, Torino, Einaudi.
- FOUCAULT M., 1977: *Préface* em: DELEUZE G.; GUATTARI F., *Anti-Cedipus: Capitalism and Schizofrenia*, Nova York, Viking Press, p. XI-XIV.
- FOUCAULT M., 2004: *Naissance de la biopolitique. Cours au Collège de France, 1978-79*, Edição estabelecida sob a direção de F. Ewald e A. Fontana por M. Senellart, Seuil/Gallimard, Paris 2004.

FRASER S., 2015: *The Age of Acquiescence: The Life and Death of American Resistance to Organized Wealth and Power*, Nova York, Boston, Londres, Little Brown and Company.

GAGO V., 2014: *La razón neoliberal: economías barrocas y pragmática popular*, Buenos Aires, tinta limón.

GIROUX H. A., 2016: *America's Addiction to Terrorism*, Nova York, Monthly Review Press.

HALBWACHS M., 1925: *Les cadres sociaux da memória*, Paris, Alcan.

HALL S., 1979: *The Great Moving Right Show, Marxism Today*, p. 14-18.

HAROOTUNIAN H., 2022: *A Fascism for Our Time*, *The Massachusetts Review*, 6 de janeiro. Disponível em: <https://www.massreview.org/sites/default/files/Harootunian%20Fascism/index.pdf>

HARTOG F., 2003: *Régimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps*, Paris, Seuil.

JESI F., 2011: *La cultura di destra* (1975). *Com três inéditos e uma entrevista*, editado por A. Cavalletti, Milão, notttempo.

KOSELLECK R., 2010: *Vergangene Zukunft. Zur Semantik geschichtlicher Zeiten*, Frankfurt a. M., Suhrkamp.

LEVITSKY S.; WAY L.: 2020, *The New Competitive Authoritarianism*, *The Journal of Democracy*, 31, 1, p. 51-65.

NUNES R., 2024: *Bolsonarismo y extrema derecha global, una gramática de la desintegración*, Buenos Aires, Tinta Limón.

RODRICK D., 2016: *The Politics of Anger*. Disponível em: <https://www.project-syndicate.org/commentary/the-politics-of-anger-by-dani-rodrik-2016-03>

RUSTOW A., 1932: *Freie Wirtschaft starker Staat*, em: *Schriften des Vereins für Socialpolitik: Deutschland und die Weltkrise*, 187, Berlim, Duncker & Humblot, p. 62-69.

SCHEPPELE K. L., 2018: *Autocratic Legalism*, *The University of Chicago Law Review*, 85, 2, p. 545-584.

SCHMITT C., 1995: *Starker Staat und gesunde Wirtschaft* (1932), em: Id., *Staat, Großraum, Nomos. Arbeiten aus den Jahren 1916-1969*, hrsg. von Günter Maschke, Berlin, Duncker & Humblot, p. 71-91.

SLOBODIAN Q., 2018, *Globalists. The End of Empires and the Birth of Neoliberalism*, Cambridge Mass. Londres, Harvard University Press.

STEFANONI P., 2021: *La rebeldía se volvió de derecha? Como el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y porque la izquierda debería tomarlo en serio)*, Buenos Aires, Siglo veintiuno editores.

STULZWARD D., 2025: *El temblor de las ideas. Buscar una salida donde no la hay*, Buenos Aires, Ariel.

TOSCANO A., 2023: *Fascismo tardio. Raça, capitalismo e a política da crise*, Londres/Nova York, Verso.

THOMAS J. A.; ELEY G (eds.), 2020: *Visualizando o fascismo: a ascensão da direita global no século XX*, Durham NC, Duke University Press.

TRAVERSO E., 2017: *Les nouveaux visages du fascisme. Conversation avec Régis Meyran*, Paris, textuel.

TRAVERSO E., 2025: *Autoritarismo e democracia no século XXI*. Disponível em: <https://jacobinlat.com/2025/07/autoritarismo-y-democracia-en-el-siglo-xxi/>

Sandro Chignola



Sandro Chignola. Nascido em Verona, Itália, em 1961, é professor titular de Filosofia Política no Departamento de Filosofia, Sociologia, Pedagogia e Psicologia Aplicada (FISPPA) da Universidade de Pádua. Formou-se em Filosofia pela Universidade de Pádua (1984) e obteve doutorado em História do Pensamento Político e das Instituições pela Universidade de Turim (1987-1990). É membro do conselho editorial da revista *Filosofia Politica*, membro do conselho científico da *Res Publica – Revista de Filosofia Política* e do conselho internacional da *Dorsal – Revista de Estudios Foucaultianos*, bem como dos conselhos editoriais de *Politica e società*, *Conceptos Históricos*, *Cahiers GRM*, *Scienza & Politica* e *Materiali Foucaultiani*. É diretor, pela Universidade de Pádua, do Centro Interuniversitário de Pesquisa sobre o Léxico Político e Jurídico Europeu (CIRLPGE), integrado ao Centro de Pesquisa sobre as Instituições Europeias (CRIE), em Nápoles, e é assessor da *Eric-Voegelin-Gesellschaft*, em Munique. Recebeu bolsas de pesquisa do *Istituto Banfi* (1986) e do *Goethe-Institut*, em Berlim (1987). Atuou como pesquisador de pós-doutorado no Departamento de Estudos Políticos da Universidade de Turim (1993-1995), na *École Normale Supérieure* de Fontenay-St. Cloud (Paris, França, 1996), no Departamento de Filosofia da Universidade de Pádua (1999-2003) e, como professor visitante, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) (Paris, 2002), na Universidad Nacional de San Martín (UNSAM) (Buenos Aires, 2012-hoje) e na Universidade de Córdoba (2013). É membro da direção do

Programa de Doutorado em Filosofia (Universidade de Pádua) e do *Comité de Pilotage* do Programa Europeu de Doutorado “Europhilosophie”.

ENTREVISTAS DO IHU COM SANDRO CHIGNOLA

- [O fascismo que se reinventa e a dimensão pós-representativa da política contemporânea. Entrevista especial com Sandro Chignola](#)
- [“O mundo neoliberal é decisivamente re-hierarquizado, em que o 1% detém 99% da humanidade sob a chantagem da dívida”. Entrevista especial com Sandro Chignola](#)
- [Uma antropologia processual para pensar novos sujeitos e o comum. Entrevista especial com Sandro Chignola](#)
- [“É preciso reinventar a democracia à altura do século XXI”. Entrevista especial com Sandro Chignola](#)
- [Foucault, Agamben e Deleuze – Provocações, genealogia e debates com Sandro Chignola](#)



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élica Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoececer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODE – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmänn
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Casculo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzados – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atílio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N. 314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da humanização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Cai - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutrya de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O anácio missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Elair Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella



- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olívia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Ferabolli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima
- N. 379 Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea - Luiz Marques
- N. 380 Dinamismo, mobilidade e juventudes - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 381 Realidades virtuais, danos aumentados, impactos reais - Elisa García Mingo e Jacinto G. Lorca
- N. 382 Povos indígenas e emergência climática: visibilidade, participação e reivindicações nas conferências climáticas da ONU - Carlos Machado de Freitas, Kleber Henrique da Silva Xucuru, Luiz Felipe Barboza Lacerda, Sineia Bezerra do Vale e Suliete Gervásio Monteiro Baré
- N. 383 Considerações sobre o sionismo - Rodrigo Karmy Bolton
- N. 384 Tecnofeudalismo e colonialismo digital: um olhar a partir do Sul Global - Madoché Ogécime

 UNISINOS